



DOI 00.0000/0000-0000.0000n00p00-00

Data de Recebimento: 16/02/2022

Data de Aprovação 25/04/2022

07

Um clarim na sociedade brasileira (1924) –  
perspectiva afrocêntrica





## Um clarim na sociedade brasileira (1924) – perspectiva afrocêntrica

*Un clarín en la sociedad brasileña (1924) – perspectiva afrocéntrica*

*A bugle in Brazilian Society (1924) – afrocentric perspective*

---

MARA ROVIDA<sup>1</sup>, PAULO CELSO SILVA<sup>2</sup>

---

**Resumo:** O artigo registra reflexão sobre o jornal *O Clarim da Alvorada*, membro da imprensa negra paulista do início do séc. XX. O estudo é pautado por ferramentas metodológicas de Análise de Conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2017). O objetivo é avaliar a possibilidade de um diálogo entre o jornal e a Afrocentricidade (MUCALE, 2013). Ponderando as particularidades históricas da década de 1920, observa-se a possibilidade de, no resgate histórico, encontrar estratégias pertinentes para enfrentar desafios contemporâneos

**Palavra-chave:** Imprensa negra; Afrocentricidade; Análise de Conteúdo.

**Resumen:** El artículo registra una reflexión sobre el periódico ‘O Clarim da Alvorada’, miembro de la prensa negra paulista del inicio

<sup>1</sup> Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, mestre em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero e jornalista. mararovida@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, doutor e mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo e geógrafo. paulocel29@gmail.com

del siglo XX. El estudio está pautado por herramientas metodológicas de Análisis de Contenido (FONSECA JÚNIOR, 2017). El objetivo es evaluar la posibilidad de un diálogo entre el periódico y la afrocentricidad (MUCALE, 2013). Ponderando las particularidades históricas de la década de 1920, se observa la posibilidad de, en el rescate histórico, encontrar estrategias pertinentes para enfrentar desafíos contemporáneos.

**Palabras clave:** Periodismo negro; Afrocentricidad; Análisis de contenido.

**Abstract:** Based on Content Analysis tools (FONSECA JÚNIOR, 2017), this paper records a study of the newspaper 'O Clarim da Alvorada' in its membership in São Paulo's black journalism at the beginning of the XX century. The aim is to evaluate the possibility of a dialogue between the newspaper and Afrocentrity ideas (MUCALE, 2013). The historical particularity of the 1920s is considered, as well as the strategies to face contemporary journalism challenges that were identified.

**Keywords:** Black journalism; Afrocentrity; Content Analysis.

## Introdução

Na década de 2020, são observadas comemorações de alguns centenários como é o caso da Semana de Arte Moderna de 1922, bastante lembrada, revisitada e, em algum grau, repensada em diálogo com outros acontecimentos e personagens daquele período que não figuraram nesses cem anos como protagonistas. Isso porque os holofotes das festividades da Semana estiveram voltados para um grupo que certamente não representava a diversidade e a pluralidade dos artistas e das artes produzidas no Brasil. Os registros da época não deixam dúvidas quanto à seletividade das presenças nessa celebração realizada na cidade de São Paulo, como aponta Lilia Moritz Schwarcz (2022) ao discorrer sobre as presenças e ausências nos movimentos de vanguarda modernistas de 1920 a 1930 no Brasil.

Nesse mesmo período, o expressivo crescimento da classe trabalhadora urbana chama a atenção. Segundo Carone (1972), o Recenseamento do Brasil de 1890-1920 indica um salto de 54 mil para 275 mil operários industriais. Mas o contexto do trabalho também demanda algumas ressalvas a respeito das particularidades brasileiras. Qelli Rocha (2018, p. 6. Grifos da autora) defende a necessidade de pensar a categoria classe social, no histórico brasileiro, atravessada por gênero e raça.

considerando a economia de dependência, evidenciamos as bases da acumulação que forjam o capitalismo à brasileira, cujas características, nos termos de Harvey (2004), se caracterizaram e ainda se caracterizam pelo subconsumo e sobreacumulação o que, à nossa compreensão, corrobora para acumulação por espoliação da população negra e das mulheres no Brasil, pois compreendemos que estas duas categoriais sociais e políticas, no processo de expropriação, serão as que mais sofrerão com a “proletarização” evidenciando serem, portanto, fundantes da própria particularidade da questão social no Brasil.

Esses atravessamentos não configuram, de acordo com Rocha (2018, p. 9), novas classes sociais, mas sim “franjas da classe trabalhadora”.

Se as ausências anotadas por Schwarcz (2022) coincidem com as franjas apontadas por Rocha (2018), pode-se considerar que foram alcançadas algumas pistas para olhar os registros que fazem parte desse contexto histórico brasileiro. Uma vez que os movimentos culturais e comunicacionais da década de 1920 foram selecionados para uma pesquisa mais ampla ainda em fase de projeção, pretende-se no presente artigo explorar a possibilidade de identificar perspectivas dissidentes ou não alinhadas com as narrativas hegemônicas registradas nesse mesmo período histórico, na cidade de São Paulo. Assim, é resgatada a produção do jornal *O Clarim da Alvorada* que entrou em circulação na capital paulista em 1924.

Conforme o recorte temporal, proposto por Miriam Nicolau Ferrara (1986), referente à imprensa negra, temos a primeira fase de 1915 a 1923, a segunda de 1924 a 1937, e a terceira de 1945 a 1963. Já nos anos 2000, pesquisadores como Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) começam a encontrar, catalogar e, portanto, divulgar uma produção jornalística anterior ao período mencionado por Ferrara (1986).

[...] em 1999, quando recebi um fac-símile do pasquim *O Homem de Côn*, pelas mãos do professor Lunde Braghini Jr., me causou surpresa o fato de os textos datados de 1833 trazerem à baila denúncias de discriminação de ordem racial, apresentadas por publicistas que fa-

ziam questão de indicar sua ascendência africana – “pardo”, “mulato”, “de cor”. Dirigidas aos cidadãos negros da Corte, aquelas palavras se colocavam a serviço da afirmação dos talentos e das virtudes dos membros desse grupo sociorracial, a fim de estabelecer contrapontos aos prejuízos a que eram expostos. Um protesto pelo respeito à cidadania de indivíduos negros já no século XIX? (PINTO, 2006, p. 12).

Jorge Antônio dos Santos (2011, p. 143) contribui com essa “arqueologia dos jornais negros no Brasil” indicando que a determinação de um momento inicial específico muitas vezes é menos pertinente do que a observação de outros detalhes que permeiam o fenômeno em estudo. Ele baliza sua reflexão no período das décadas iniciais do século XX não por desconsiderar os achados do século anterior, mas porque o conjunto da produção da imprensa negra paulista estudada por Roger Bastide e mais tarde por Ferrara (1986) converge para a identificação de uma categoria analítica. Seja como parte dessa categoria, seja como herdeiro direto das produções oitocentistas – o que pode, inclusive, ser tomado de forma cumulativa –, a presente reflexão debruça-se sobre a experiência do jornal *O Clarim da Alvorada*. Essa escolha tem relação direta com o interesse no período e na cidade de circulação do periódico, em outras palavras, a São Paulo dos anos 1920.

A seguir, apresentam-se uma leitura flutuante – ferramenta metodológica da Análise de Conteúdo (FONSECA JÚNIOR, 2017) que permite sistematizar o material em análise – e alguns dados históricos do jornal que faz parte da imprensa negra brasileira, na sequência algumas impressões da leitura dos exemplares desse produto jornalístico – etapa de análise de resultados da leitura dos materiais selecionados (FONSECA JÚNIOR, 2017) – em sua possível relação com a perspectiva contemporânea do Afrocentrismo (MUCALE, 2013) e, por fim, o apontamento de considerações que podem ajudar a apreender pistas sobre as relações raciais no Brasil e a participação do jornalismo nessa dinâmica social.

## **Uma leitura flutuante**

As edições do jornal *O Clarim*, mais tarde renomeado para *O Clarim da Alvorada*, estão disponíveis em acervo online da Universidade de São

Paulo (USP)<sup>3</sup>. O acervo não traz a totalidade das edições publicadas, por isso há lacunas temporais entre os exemplares lançados mensalmente à época. Além disso, o próprio órgão de imprensa não manteve sua periodicidade durante o tempo em que circulou (POSSO, online). As edições disponíveis no acervo consultado são:

**Figura 1** - lista de edições acervo USP



The screenshot shows a website header for 'USP IMPRENSA NEGRA PAULISTA' with links for INSTITUCIONAL, SOBRE O ACERVO, JORNALS, EQUIPE, BIBLIOGRAFIA, CONTATO, and TAGS. Below the header, a yellow banner displays the title 'O CLARIM DA ALVORADA' and a link to 'HOME > O CLARIM DA ALVORADA'. The main content area features a thumbnail image of a newspaper page from 'O Clarim' and a table listing its editions. The table includes columns for 'O Clarim da Alvorada' (with a thumbnail image) and 'Edições'.

O Clarim da Alvorada	Edições
	
<b>Subtítulo:</b>	
<b>Criação:</b> 1924	06/01/1924 30/08/1925
<b>Redator:</b>	03/02/1924 27/09/1925
<b>Local:</b>	02/03/1924 15/11/1925
<b>Periodicidade:</b>	06/04/1924 14/11/1926
<b>Dimensões:</b>	13/05/1924 15/01/1927
	22/06/1924 20/02/1927
	12/10/1924 17/04/1927
	07/12/1924 13/05/1927
	25/01/1925 18/06/1927
	26/07/1925 17/07/1927

Fonte: Print de tela do site do acervo.

De acordo com o verbete do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) dedicado a *O Clarim da Alvorada*, o jornal foi publicado em três fases entre 1924 e 1940 (POSSO, online). A maior parte das edições contém quatro páginas e a publicação era de responsabilidade de Jayme de Aguiar, também conhecido pelo pseudônimo Jim de Araguary, e de José Correia Leite, o qual muitas vezes assinava os textos apenas como Leite.

Jayme de Aguiar era filho de uma família alforriada, nasceu e cresceu em São Paulo, no bairro do Bexiga, junto com outros negros. Jayme de Aguiar e José Correia Leite fundaram *O Clarim d'Alvorada*, em 1924. Aguiar também fez parte da fundação da Frente Negra Brasileira, em 16 de setembro de 1931, juntamente com José Correia Leite, Vicente Pereira, Henrique Cunha, Raul J. do Amaral, Gervásio de Moraes e Arlindo V. dos Santos. Aguiar trabalhou em entidades do movimento negro contribuindo, dessa maneira, para a valorização do negro contra o preconceito (MICHELETTE; POSSO, online. Grifos dos autores).

<sup>3</sup> Disponível em <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/o-clarim-da-alvorada>/ Acesso em 31 jan 2022.

José Correia Leite, por sua vez, nasceu em 23/9/1900, em São Paulo. Começou a trabalhar muito jovem e foi incentivado a estudar por uma patroa professora (MICHELETTE, online). Leite tinha apenas 24 anos quando fundou *O Clarim*, ao lado de Jayme de Aguiar.

Ainda no início desse jornal, começou a ter notícias sobre o processo de discriminação racial nos Estados Unidos, o que muito o influenciou. Uma das causas do rompimento dos grupos *O Clarim* e *Frente Negra* deu-se por divergências ideológicas, já que o presidente Arlindo Veiga dos Santos (1931-1934) era patriarquista (monarquista), e o grupo de Leite era partidário de outras idéias. [...] Em 1945, José Correia Leite colaborou com a fundação da Associação dos Negros Brasileiros (ANB), passando a editar o jornal *Alvorada*. A ANB encerraria suas atividades em 1948. Em 1956, foi criada a Associação Cultural do Negro, na qual Correia Leite assumiu a função de presidente do Conselho Deliberativo, até 1965. Em 1960, participou ainda da elaboração da revista *Niger*. Além da militância, na qual foi uma referência, José Correia Leite tinha a preocupação de construir um diálogo com os pesquisadores que se debruçavam sobre a questão racial (MICHELETTE, online. Grifos do autor).

A redação de *O Clarim da Alvorada* ficava na rua Ruy Barbosa, n. 105, no bairro Bela Vista, também conhecido como Bixiga, na região central da cidade de São Paulo. No verbete do Cedap-Unesp dedicado a *O Clarim da Alvorada*, encontra-se uma descrição do veículo como lista de nomes dos colaboradores, seções fixas do jornal, temas recorrentes e a organização gráfica do material publicado. Partindo de uma leitura flutuante (FONSECA JÚNIOR, 2017), observaram-se alguns elementos recorrentes nos exemplares de *O Clarim da Alvorada*, disponíveis no acervo da USP. A leitura flutuante, compreendida aqui a partir de Fonseca Júnior (2017), é entendida como técnica de pré-análise de conteúdo que permite sistematizar os materiais analisados de forma a encontrar recorrências transformadas em categorias temáticas que ajudam, portanto, a identificar as principais características dos textos analisados.

Como já apontado anteriormente, a seleção do *corpus* de análise foi definida pela disponibilidade do material no acervo online da USP. Trata-se, dessa forma, de um *corpus* formado por 20 edições do jornal impresso, incluindo a edição de estreia. Os exemplares digitalizados foram lidos em sequência cronológica com o objetivo de identificar os formatos de texto mais recorrentes, os temas trabalhados e a presença da questão racial na publicação. As anotações feitas no decorrer dessa leitura flutuante foram então organizadas revelando a exploração do

material, outra etapa da Análise de Conteúdo prevista por Fonseca Júnior (2017). É pertinente observar que, mesmo separando as etapas da investigação e nomeando cada uma delas (IKEDA; CHANG, 2005), os analistas de conteúdo acionam as ferramentas típicas desse modelo de pesquisa de forma fluida ao longo da reflexão. Isso implica um processo contínuo em que as etapas se fundem permitindo uma apreensão (e uma impressão) das mensagens (ou conteúdos) em análise. Esse é certamente o procedimento que balizou a presente reflexão. No tópico Análise de resultados são retomadas as principais recorrências encontradas para, a partir delas, desenvolver algumas impressões sobre o registro histórico produzido pelo jornal.

A seguir os aspectos observados como característicos de *O Clarim da Alvorada* são apresentados para que seja possível tecer algumas impressões a respeito da linha ou política editorial da publicação. Mário Erbolato (2001, p. 248) define política editorial como “orientação seguida por um veículo de comunicação social, tal como dar (ou não) destaque a determinados assuntos e prestigiar (ou não) algumas iniciativas ou autoridades”.

Ainda que em 1924, quando *O Clarim da Alvorada* foi lançado, o jornalismo informativo já estivesse disseminado como modelo de negócio e padrão editorial da imprensa em vários países (TRAQUINA, 2005), incluindo o Brasil, o jornal dirigido por Aguiar e Leite tinha uma conformação muito próxima da imprensa de tribuna – também nomeada de imprensa panfletária (BORGES, 2010) –, isto é, impressos cujo maior objetivo era defender ideias e não necessariamente fazer circular informações sobre acontecimentos recentes. Em seu estudo sobre a imprensa negra do século XIX, Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) traz pistas para compreender as possíveis referências do modelo de jornalismo produzido pelos jornais do século XX como *O Clarim da Alvorada*. Segundo Pinto (2006, p. 13), “muitos dos recursos argumentativos e das características distinguidas nesses títulos oitocentistas seriam encontradas por Roger Bastide reproduzidas nos jornais negros paulistas fortemente propagados de 1920 a 1930”. A maior parte do material publicado se aproxima de modelos de texto opinativo (MELO, 2003) como crônicas e artigos assinados. Eventualmente, são mencionados dados factuais como, por exemplo, na edição de 7/12/1924 em que se faz referência a um congresso de Pretos na América do Norte que seria realizado, mas

o foco não é a informação e sim a defesa de um ponto de vista sobre a realidade da qual se fala – ver Figura 2. Também são publicados muitos textos literários como pequenos contos, poemas e poesias, além de narrativas em capítulos (divididos em vários números do jornal).

**Figura 2** - página da edição de 7/12/1924



Fonte: print de tela acervo USP.

As edições do impresso têm, em sua maioria, quatro páginas. Mas algumas datas especiais como o aniversário do jornal ou 13 de maio são representadas por um número maior de páginas. Foi justamente numa dessas edições com mais páginas, em 13/5/1924, que a mudança do nome do jornal foi anunciada, de *O Clarim* para *O Clarim da Alvorada*. O texto desse anúncio indica que, depois de alguns meses do lançamento, descobriu-se que já havia um impresso em circulação com esse nome, portanto o ajuste foi feito para evitar confusões.

Nos textos opinativos, o que chama a atenção pela recorrência nas 20 edições analisadas é a preponderância de uma perspectiva coletiva específica representada por termos como ‘nós’, ‘nossa raça’,

‘nossa classe’. É pertinente observar que classe e raça aparecem como sinônimos, revelando uma aproximação com a perspectiva de Qelli Rocha (2018) mencionada na Introdução deste artigo. Ao longo das edições, percebe-se um recrudescimento do tom desses textos opinativos cujo discurso se torna cada vez mais contundente na defesa da união dos ‘homens de cor’ ou do ‘povo preto’, termos também muito usados pelos redatores. O jornal clama por um espaço de representatividade no movimento negro da época e se posiciona como porta-voz de algumas pautas, tidas pelos seus articulistas como urgentes. Dentre elas destaca-se a necessidade de união das pessoas pretas brasileiras. Aqui tem-se certamente um dos principais aspectos balizadores da linha editorial, em outros termos, o jornal estrutura-se na ideia de que há um grupo formado por pessoas pretas brasileiras com interesses e experiências específicas que serão contempladas pela narrativa de *O Clarim da Alvorada*. Observa-se nessa perspectiva que as singularidades da brasiliidade são valorizadas, portanto, ainda que haja identificação – e até mesmo relações estabelecidas (SANTOS, 2011) – com outros povos pretos espalhados pelos países da América ou mesmo de África, reforça-se uma identidade nacional. Essa percepção vai ao encontro do que é apontado por Victor Pastore (2018, p. 2) em sua reflexão comparativa entre a experiência da imprensa negra paulista do início do século XX e os negros estadunidenses.

Em seus textos, buscaram forjar uma identidade negra que não se sobrepuasse à identidade nacional, vista como prioritária. Negar essa prioridade seria dar um passo em direção a um país segregado, como os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, porém, identificavam a desigualdade histórica herdada de séculos de escravidão e a cidadania incompleta que viviam os negros no Brasil. Percebiam os avanços e conquistas de indivíduos negros norte-americanos e os ganhos que a coesão e a luta racial vinham lhes proporcionando nos últimos tempos. Tal aspecto tornou-se importante inspiração para a união da raça clamada pelo movimento negro paulista nas páginas de seus jornais.

Além da característica acima mencionada, os textos opinativos também defendem algumas posições políticas e culturais em relação a várias pautas. O crescimento pessoal e a criação de oportunidades melhores para o povo preto, alcançados por meio da educação formal, compõem uma perspectiva defendida de forma insistente pelos articulistas. Nesse sentido, algumas figuras ilustres da época são exaltadas

como exemplos de pessoas que alcançaram sucesso pelo estudo e pelo empenho no trabalho como Luiz Gama e José do Patrocínio – ver Figura 6. Na edição de 13/5/1927, são reservados espaços especiais para falar sobre esses dois personagens da história, bem como sobre outros abolicionistas. A referida edição pode ser considerada especial por conta da data de publicação, pela quantidade de páginas – 19 no total – e pelo trabalho gráfico diferenciado como é possível observar na Figura 3.

**Figura 3** - página da edição de 13/5/1927



Fonte: print de tela acervo USP.

Ainda como componente da perspectiva que forma a linha editorial do jornal, é possível notar certa referência ao calendário católico, bem como às festividades tradicionais brasileiras com destaque para o carnaval. Há a defesa da centralidade dos personagens pretos na festa popular, o que é bastante explorado nos artigos publicados em edições de fevereiro, principalmente.

O jornal também guarda espaço para efemérides, divulgação de festas, aniversários, casamentos, batizados e funerais – ver Figura 4. De acordo com José Antônio dos Santos (2011), a imprensa negra do início do séc. XX se apresentava como espaço alternativo à imprensa hegemônica que não representava os negros em suas páginas. Assim, jornais como *O Clarim da Alvorada* se mostravam como alternativa de prestação de serviço informativo para o público ao qual se dirigiam. Espaços de anúncios também são observados com regularidade nas páginas de *O Clarim da Alvorada*, principalmente, nas duas últimas edições disponíveis no acervo da USP. São anúncios de serviços de costura, advocacia, encanador, entre outros. Alguns produtos de consumo também são anunciados – como Biotônico Fontoura – e há anúncios do próprio jornal.

**Figura 4** - página da edição de 22/6/1924



Fonte: print de tela acervo USP.

Os articulistas mencionam algumas ocorrências típicas da metrópole em expansão, como a presença de pessoas em situação de rua e o alcoolismo, inclusive entre mulheres pretas. É pertinente observar que prepondera uma perspectiva crítica, moralista, em relação a essas pessoas, também é recorrente uma visão de mulher muito próxima às ideias vigentes naquele período histórico, em outros termos, uma visão misógina – ver Figura 5. Paralelamente, as dificuldades sociais são consideradas superáveis pela união do povo preto em associações e centros benéficos que deveriam, na opinião dos articulistas, ser criados em vários lugares do país. A defesa dessa ideia aparece em diferentes textos, em boa parte das edições de *O Clarim da Alvorada*. Essa constatação dialoga com as observações de Santos (2011, p. 157) sobre os periódicos da imprensa negra brasileira dos séculos XIX e XX.

Os periódicos que compõem o que entendo como imprensa negra, até as primeiras décadas do século XX, davam destaque para as questões educativas do meio negro e tinham viés moralizador nos seus artigos. O uso de bebidas alcoólicas em excesso, as “irresponsabilidades” na educação dos filhos, as brigas e ofensas pessoais, a vida errante e sem trabalho, enfim, toda postura que destoasse das prescrições do que a sociedade entendia como “bom comportamento” era severamente criticada pelos articulistas.

**Figura 5** - página da edição de 12/10/1924

Direção: Jim de Araguary & Leite — ORGÃO LITERÁRIO NOTICIOSO E HUMORÍSTICO	
<p><b>DECADÊNCIA</b></p> <p>Não é somente no elemento masculino que devemos pensar para a organização social da nossa classe; porque também o elemento feminino necessita de auxílio.</p> <p>Um dos pontos mais tristes, que sempre nos incomplimos em todos os recantos da nossa Pauicica, é sem dúvida a decadência da mulher preta.</p> <p>Quantas vezes disparamos, em pleno coração da cidade, com patrícias errantes, arrastando innumeros trajes, dominadas pelo malício alcool, que é a causa de tantas desgraças e que infelizmente domina muitas, que poderiam ser más exemplares, espondo-se ao ridículo e nos envergonhando?</p> <p>Mais, leitamente há ainda muitas senhoras de carácter bem formado e possuidoras de bom coração; a estas appellenamos para que nos auxiliem a resolver este difícil problema da organização de um Centro Beneficiente, Jim de Socorremos, essenciais, que atraia a juventude da nossa completa obscuridão.</p> <p>Centenas e centenas de moças decadentes vaguem pelas ruas da nossa Capital, sem poder encontrar muita taboa de salvamento; entretanto, muitos patrícios e patrícias quando as vêem zombam das suas infelicidades, considerando-as indignas de viverem no seio da sociedade.</p> <p>Talvez dentre essas infelizes, se as procurarmos iremos encontrar uma mulher que se possa, mais tarde, depois de muito labutarmos, conseguir a sua regeneração e a de muitas que por ali vivem em completo desleixo!</p> <p>Caros leitores, se pensais bem, devemos agir, quanto antes, para a humanização dessa sociedade entre nós; assim sendo evitaremos que, por mais tempo, se ramifique esse terrível mal.</p> <p>Quanto dê em nossa alma contemplarmos essas victimas da sua própria iraçezza, vivendo nesses lupanares, sem que uma alma caridosa lhes dê a mão indicando-lhes o bom caminho.</p> <p>Quantas lagrimas dispersas por mães desconsoladas; que esperavam de suas filhas que foram criadas com tanto carinho; velas hoje em completa miséria; quantas esposas abandonam seus lares, illudidas vão se afiar na lama dos vícios, arrastando para lá muitas vezes o homem nome do próprio esposo!</p>	 <p><b>SALVE</b></p> <p><b>14 DE OUTUBRO!</b></p> <p>Faz annos hoje o "seu" Moysés, o preto Que é mascote do Archivo e do padrinho... Meus parabens lhe dou neste soneto Muito sincero, embora em deslinho.</p> <p>Acredite na Figa e no Amuleto; Cultiva o Espiritismo com carinho; De sangue azul é descendente: é neto Dos principais do Congo ou do Conguinhe.</p> <p>E em lhe desejo... Aliás, é bem sedoso Dar parabens a quem já vive bem... Mercei do Demó e gracas ao Feitigo!</p> <p>Todavia, aqui vai meu voto franco: Que viva o dobro de Matheuslem, Até ficar completamente... branco!</p> <p><b>QUARTIM FILHO.</b></p> <p>LEITE.</p> <p><b>Expediente:</b></p> <p>Assinatura semestral . . . . . 2500 Número avulso . . . . . \$200</p> <p>Redação: Rua Ruy Barbosa N. 106</p> <p>Os originais aceitos embora não publicados não serão devolvidos. Outros, estes serão contemplados após exame minucioso a juiz da Direção.</p>

Fonte: SOUSA, 2012, p. 33

Já os textos literários trazem com recorrência personagens pretos e são assinados por diferentes redatores e colaboradores, incluindo uma mulher, que é apresentada aos leitores na edição de 2/3/1924. Trata-se de Maria de Lourdes Souza que escreve poemas e alguns contos curtos. Nessas seções do jornal, são encontradas histórias de amor romântico e situações cotidianas, sendo apresentadas em edição única ou em capítulos distribuídos em várias edições. Essa produção também faz referência à perspectiva da população preta brasileira, contribuindo para um reforço da linha editorial do jornal representada no Quadro 1.

**Quadro 1**

<b>Linha Editorial apreendida</b>
Enquadramento – perspectiva do povo preto, dos homens de cor: é a partir dessa experiência que os textos são produzidos.
Cobertura nas brechas da imprensa mainstream – pautas sobre o cotidiano do povo preto, ausentes dos jornais da época.
Defesa da educação como estratégia para mobilidade social – tema recorrente em artigos de opinião.
Defesa da educação como estratégia para mobilidade social 2 – enaltecimento de figuras conhecidas que alcançaram esse resultado.
Defesa da união do povo preto em associações, ligas, clubes entre outros espaços associativos como garantia de fortalecimento coletivo.
Alinhamento com a moralidade católica hegemônica no Brasil.

Fonte: Produção própria

## Análise de resultados – algumas impressões

A leitura das edições de *O Clarim da Alvorada* resultou em impressões que vão ao encontro dos apontamentos feitos por estudiosos da imprensa negra paulista. A produção textual desenvolvida, as lacunas temporais entre as edições motivadas pelas dificuldades financeiras, o perfil dos articulistas que assinavam artigos no periódico, entre outros detalhes já mencionados, confirmam análises como as de Pastore (2018), Pinto (2006) e Santos (2011). Paralelamente a esse resultado, que pouco avança na reflexão sobre esse fenômeno comunicacional histórico, propõe-se aqui avaliar a possibilidade de apreender características de uma postura afrocêntrica – no sentido de Mucale (2013) – nos registros da produção do jornal *O Clarim da Alvorada*. Seria possível anotar alguma relação entre o cotidiano registrado pelo jornal e as posturas afrocêntricas contemporâneas?

Antes de seguir nesse questionamento, se mostra necessário indicar, ainda que de forma resumida, o que Ergiminio Mucale (2013) entende como Afrocentricidade.

[...] considero a Afrocentricidade como um paradigma libertador e crítica “oficial” do paradigma eurocêntrico; a filosofia afrocêntrica afigura-se para mim como uma verdadeira filosofia de libertação, uma libertação no sentido holístico, que implica a libertação da filosofia (MUCALE, 2013, p. 22).

Essa leitura da Afrocentricidade é desenvolvida por Mucale (2013) em diálogo com inúmeros pensadores, mas especialmente com o professor estadunidense Molefi Kete Asante (2003, p. 2 *apud* MUCALE, 2013, p. 25) que define o conceito em questão como “um modo de pensamento e ação no qual predomina a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos”. Outra característica da postura afrocentrista é a recuperação da memória e da tradição ancestral africana que permite reavaliar as origens e, portanto, a identidade dos africanos em África, mas também na diáspora. Esse processo é necessário para fortalecer uma postura criativa e autônoma. “[A Afrocentricidade é] um retorno ao passado, para inspiração, e uma projeção, isto é, orientação para o futuro” (MUCALE, 2013, p. 182). Essa reavaliação das raízes que promove uma valorização identitária é suporte essencial para se proceder numa pedagogia com o oprimido. Citando Paulo Freire, Mucale (2013, p. 187) defende “o sujeito-narrador de todo o processo histórico a ele referido” que resulta da conscientização libertadora do oprimido – não apenas do africano. Mucale (2013) encontra em Frantz Fanon o suporte necessário para indicar que não é pela cor da pele que a solidariedade entre os sujeitos adeptos do Afrocentrismo se estabelece, mas pela essência humana.

O debate sobre Afrocentricidade promovido por Mucale (2013), em sua complexidade, nos leva a pensar que, essencialmente, os pontos da discussão aqui recuperados ajudam a buscar na leitura do jornal *O Clarim da Alvorada* um diálogo com a perspectiva afrocêntrica. Nossa intenção é contribuir com uma linha de pensamento que retoma as raízes da produção jornalística negra paulista em consonância com a perspectiva afrocêntrica ou, como diz Mucale (2013, p. 27),

[...] enquanto perspectiva filosófica e de ação, concomitantemente, [a Afrocentricidade] pauta pela descoberta, localização e actualização da intervenção (agência) do africano no contexto da sua própria história e cultura. Por intervenção deve-se entender uma atitude na direção da ação, originada nas experiências africanas. Isto implica que, para o Afrocentrismo, o comportamento ético dos africanos, a título de exemplo, não é o que é ditado pelos outros, mas antes o que é efetivamente do interesse da consciência africana, histórica e culturalmente formada.

A simples existência de uma imprensa negra no início do século XX, e também no século XIX, como enfatiza Pinto (2003), já é um indicador dessa atitude ou ação que coloca o povo preto brasileiro numa perspectiva afrocêntrica. *O Clarim da Alvorada*, como exemplar dessa produção jornalística, representa a participação histórica de um grupo, ainda que pequeno, de descendentes de escravos que tiveram acesso ao ensino formal, se tornando letrados como verdadeiros pensadores e intelectuais de seu tempo. Machado de Assis, dentre outros mencionados por Pinto (2003), é uma dessas figuras ilustres que teve acesso ao ensino formal, participou da produção jornalística entre os séculos XIX e XX e, em seu caso específico, se tornou um imortal da Academia Brasileira de Letras.

Em pesquisas anteriores sobre as iniciativas de jornalismo das periferias (ROVIDA, 2020), foi possível perceber que a tônica mobilizadora dessa produção jornalística fora do circuito *mainstream*, em alguma medida, está relacionada à falta de representatividade na imprensa tradicional de grupos que incluem as mulheres, os negros – pretos e pardos –, os periféricos e a classe trabalhadora. É como contraposição às ausências e silenciamentos dessa parcela da população brasileira, bem como à apresentação estigmatizada de seus territórios – no sentido de Milton Santos (2002) –, que essas produções jornalísticas se estruturaram. Essa postura, tão presente em vários momentos históricos da imprensa brasileira, pode ser observada na imprensa negra paulista do início do séc. XX, incluindo *O Clarim da Alvorada*.

Há, sem dúvida, um impulso expresso nas edições aqui analisadas para assumir a posição de “sujeito-narrador” (MUCALE, 2003, p. 187) o que abrange a defesa de questões mais amplas como o chamado à organização social em associações e centros benéficos, como também o anúncio de informações cotidianas como a divulgação de festas, encontros e efemérides da comunidade preta. Por outro lado, a preocupação em defender um certo tipo de moralidade aproxima a linha editorial do jornal de uma visão de mundo em vigor no Brasil que, por sua vez, se constitui como eurocêntrica. Nos textos em que o alcoolismo, especialmente entre mulheres (Figura 5), é duramente criticado, os articulistas acabam por defender valores católicos vinculados ao histórico colonial do Brasil. Da mesma forma, o papel das mulheres em sociedade aparece também muito próximo à visão de mundo ocidental europeia e, portanto, misógina.

Ainda que a regra moral branca fosse hegemônica, ela não era o único conjunto de valores da população brasileira nos anos 1920. Um exemplo de outra forma moral existente no Brasil é o candomblé que tem raízes lorubana e Nagô, segundo Berkenbrock (2017). Não seria possível discorrer em detalhes sobre a ética do candomblé, mas é pertinente observar um detalhe-chave dessa cosmovisão sustentada “entre os dois níveis da existência (Orum e Aiyê) e o Axé como a força sagrada ou vital que mantém o sistema existencial funcionando de forma equilibrada” (BERKENBROCK, 2017, p. 912). De acordo com Reginaldo Pradi (1991), a ética do candomblé é relacional e não pautada em valores fixos, pois cada indivíduo se relaciona com seu Orixá. Esse posicionamento, ao mesmo tempo que é uma vantagem em termos éticos pela liberdade e exigência de um autoconhecimento e consciência pessoal e social, também é um desafio pelo dinamismo e multiplicidade das manifestações dos Orixás.

Dessa forma, a perspectiva ética do candomblé, que comporta uma característica individualista e personificada na liberdade de cada um, contrasta com a proposta individual cristã de salvação, mas de valores coletivos tradicionais, encontrada nas matérias de *O Clarim da Alvorada*. Infere-se que, para os interesses e propostas do jornal – e ainda pela maneira como a sociedade naquele momento estava organizada –, uma flexibilização de valores vigentes, ainda que fossem eles discriminatórios, misóginos e/ou tradicionalistas, não era entendido como “educativo” para o povo preto, e contrariava o plano brasileiro de higiene racial, defendida por muitos médicos e intelectuais da época.

O jornalista Sílvio Romero e o médico Raimundo Nina Rodrigues são expoentes famosos do eugenismo como solução, inclusive para a construção da identidade brasileira. Ao mesmo tempo, a defesa das propostas eugenistas eram tidas como “saídas possíveis para os impasses que minavam o lugar pretendido pelas elites dominantes no mundo rico e bem-criado” (MOTA, 2003, p. 47). De forma semelhante, Clóvis Moura (2002, p. 4), ao falar sobre as publicações da imprensa negra do século XX, indica que

Em todas as publicações é visível a preocupação com uma ética puritana capaz de retirar o negro de sua situação de marginalizado. Os jornais servem, portanto, para indicar, através de regras morais, o comportamento que deveriam seguir os membros da comunidade negra.

Com base, portanto, nas ideias anotadas entre a leitura flutuante e a exploração do material, observa-se uma aproximação importante entre os articulistas de *O Clarim da Alvorada* e o pensamento brasileiro hegemônico daquele período, apesar de surgirem pistas sobre a busca por um protagonismo negro que vem sendo conquistado com muito enfrentamento. Retomando o diálogo que Mucale (2013) faz com Asante, é possível perceber na produção textual de *O Clarim da Alvorada* a sintonia dos articulistas e colaboradores do jornal com sua ancestralidade africana exaltada em personagens de contos e crônicas da vida real – ver Figura 6. Ainda que a posição editorial também inclua um julgamento de certas atitudes de maneira mais próxima à visão de mundo branca eurocêntrica, alguns personagens pretos ganham destaque nas narrativas dessa imprensa de maneira a ocupar um espaço que jamais seria alcançável nas páginas dos jornais da imprensa tradicional *mainstream*.

**Figura 6** - página da edição de 13/5/1927



Fonte: print de tela acervo USP.

## Algumas considerações

No início desta reflexão, o objetivo central era verificar até que ponto seria possível um diálogo entre a leitura contemporânea do jornal *O Clarim da Alvorada* e a perspectiva afrocêntrica.

Considerando que a Afrocentricidade é uma linha de pensamento-ação, na qual o negro é responsável pela construção de sua própria história e de suas manifestações culturais, assim como de sua consciência e valores; a leitura do jornal, para aquele momento vivido, único e intrasferível de seus atores – entendendo ator como “um indivíduo autônomo, capaz de cálculo e de manipulação e que não apenas se adapta, mas inventa, em função das circunstâncias e dos movimentos dos seus parceiros” (CROZIER; FRIEDBERG, 1977, p. 38 *apud* FERREIRA, 2017, p. 624) – pode-se considerar que sim, houve uma prática na perspectiva filosófica desenvolvida por Mucale (2013).

Viventes de seu momento e críticos acerca da situação e condição de vida da população negra, os editores de *O Clarim da Alvorada* atuaram com as armas sociais que melhor dominavam e, dentro da perspectiva social de negros alfabetizados que eram, entenderam que a educação seria um caminho viável.

Por sua vez, em uma leitura atualizada do periódico, passados quase cem anos da primeira edição, são observadas contradições identitárias típicas dos anos 1920 no Brasil, resultantes de uma sociedade com passado econômico escravocrata/racista cujas características persistem. Por outro lado, a leitura contemporânea de um jornal centenário nos alerta para nossas próprias práticas midiáticas e jornalísticas atuais, tendo em vista a necessidade, cada vez maior, de intensificar o diálogo e os debates sobre o assunto, mas também fortalecendo o enfrentamento efetivo de disseminadores de ideias racistas e reacionárias. Assim, a Afrocentricidade é uma filosofia e uma ação de luta e resistência, mas também de congraçamento entre excluídos diversos que se irmanam dadas as condições que necessitam transformar.

## REFERÊNCIAS

BERKENBROCK, Volney José. **O Conceito de Ética no Candomblé**. Revista Horizonte, Belo Horizonte, v. 15, n. 47, jul/set 2017, p. 905-928.

BORGES, Wilson. Semanários. BARBOSA, Marialva (Org). **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010, p. 1098-1099.

CARONE, Edgar. **A República Velha (Instituições e classes sociais)**. São Paulo: Difel, 1972.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição do jornal diário**. São Paulo: Ática, 2001.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017, p. 280-304.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A Imprensa Negra Paulista**. São Paulo: EDUSP, 1986.

FERREIRA, Dina Maria Martins. Do semelhante ao mesmo, do diferente ao semelhante: sujeito, ator, agente e protagonismo na linguagem. **RBLA**, v. 17, n. 4, 2017, p. 619-640.

IKEDA, Ana Akemi; CHANG, Sandra Rodrigues da Silva. Análise de conteúdo – uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social. **Comunicação & Inovação**, v. 1, n. 1, jul/dez 2005, p. 5-13.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MICHELETTE, Pâmela Torres; POSSO, Ricardo Augusto, Jayme de Aguiar. CEDAP – Centro de Documentação e apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). **Imprensa Negra – Biografias**. Online.

MICHELETTE, Pâmela Torres. José Correia Leite. CEDAP – Centro de Documentação e apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). **Imprensa Negra – Biografias**. Online.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito. Sanitarismo e eugenia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOURA, Clóvis. **Imprensa negra – estudo crítico de Clóvis Moura**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo / Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Edição Fac-Similar, 2002.

MUCALE, Ergimino Pedro. **Afrocentricidade – complexidade e liberdade**. Maputo: Paulinas, 2013.

PASTORE, Victor. A imprensa negra frente à experiência dos negros nos Estados Unidos: Diálogos transnacionais, imprensa e circulação de ideias (1915-1932). **Anais**. Historia & Democracia - precisamos falar sobre isso. Guarulhos: Unifesp, 2018, p. 1-13.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)**. 197 f. Dissertação. Mestrado em História. Orientadora Prof. Dra. Eleonora Zicari Costa de Brito. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

POSSO, Ricardo Augusto. O Clarim – Orgão Literário, Scientifico e Político. CEDAP – Centro de Documentação e apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). **Imprensa Negra – Catálogo de Periódicos**. Online.

PRANDI, Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo. a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: HUCITEC, 1991.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias – o diálogo social solidário nas bordas urbanas**. Curitiba: CRV, 2020.

ROCHA, Qelli. Questão social – a consubstancia classe e gênero. **Anais**. 16º Encontro de Pesquisadores em Serviço Social. Vitória: UFES, 2018, p. 1-17.

SANTOS, José Antônio dos. Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. **Historiae**, v. 2, n. 3, Rio Grande do Sul: 2011, p. 143-160.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O negrismo e as vanguardas nos modernismos brasileiros: presença e ausência. ANDRADE, Gênese; SCHWARCZ, Jorge (Orgs). **Modernismos 1922-2022**. Companhia das Letras: São Paulo, 2022, p. 297-322.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

Data do recebimento: 16/02/2022

Data da aprovação: 25/04/2022



